



Nuielle Cristine de Medeiros da Silva

o penso da vida

Reflexão
poética do
cotidiano

Brasília, 2016

Nuielle Cristine de Medeiros da Silva

o penso da vida
Reflexão poética do cotidiano

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de graduação em Desenho Industrial, na habilitação de Programação Visual apresentado à Universidade de Brasília - UnB

Orientador: Rogério José Câmara

Banca avaliadora: Evandro Perotto e Ana Cecília Schettino

Brasília, 2016

Nuielle Cristine de Medeiros da Silva

o penso da vida
Reflexão poética do cotidiano

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de graduação em Desenho Industrial, na habilitação de Programação Visual apresentado à Universidade de Brasília - UnB

Aprovado em: ___/___/___

Banca examinadora

_____/___/___
Rogério José Câmara (DIn/UnB)

_____/___/___
Evandro Perotto (DIn/UnB)

_____/___/___
Ana Cecília Schettino

Brasília, 2016

A todos que inspiram o dia a dia

“O poema é antes de tudo um inutilisíio.

*Hora de iniciar algum
convém se vestir de roupa de trapo.*

*Há quem se jogue debaixo de carro
nos primeiros instantes.*

*Faz bem uma janela aberta
uma veia aberta.*

*Para mim é uma coisa que serve de nada o poema
enquanto vida houver.*

Ninguém é pai de um poema sem morrer.”

(Manoel de Barros)

Resumo

Desenvolve-se nesta pesquisa reflexões acerca de ações cotidianas, sua poética e pensamentos triviais, que serão materializadas em textos dos quais projeta uma série de livros-objeto independentes. Utilizando como materiais e meios objetos presentes na rotina do ordinário, os livros foram construídos para proporcionar ao leitor a percepção do conteúdo através de diversas linguagens.

Palavras-chave: Reflexão, Livro, Cotidiano, Poética

Sumário

1. Introdução	8
2. Ponto de partida	9
3. Referencial Teórico	10
3.1 O que é a Liberdade?	10
3.2 This is not my hat	12
3.3 Where the wild things are	13
3.4 Manoel de Barros – Poesia Completa	15
3.5 Making Handmade Books – 100+ Bindings, Structures & Forms	16
3.6 A Trilogia da Margem – O livro imagem segundo Suzy Lee	17
4. Processo	18
4.1 Cotidiano	18
4.2 Livro Objeto	20
4.3 Experimentações	21
4.4 Diário	22
5. Livro Dor	23
6. Livro Barulho	27
7. Livro Carta	31
8. Livro Pensamentos	36
9. Considerações finais	40
10. Referencial Bibliográfico	41

1. Introdução

Neste projeto reflete-se a respeito de acontecimentos comuns procurando apresentar uma leitura poética do cotidiano, desenvolvendo uma análise das ações rotineiras. Serão abordadas as experiências diárias de um narrador genérico, que contempla o significado oculto do banal.

Convencer o leitor de uma ideia não concebida por ele, ainda mais se tratando de situações banais, não é tarefa fácil. Por se tratar de experiências comuns, o leitor provavelmente já tem uma opinião formada sobre tais acontecimentos. O que pode ser feito para persuadir o leitor a julgar mais cativante a reflexão proposta pelo projeto que a própria experiência pessoal? Pretende-se, então, potencializar a reflexão sobre pensamentos e ações triviais, expondo a poética escondida na banalidade do cotidiano e transformar tais reflexões em informação textual, visual e sensorial.

Cotidiano é uma palavra muitas vezes relacionada ao tédio, a uma situação de quem se acomodou, a algo que deve ser mudado. Em uma era onde as pessoas buscam desenfreadamente se superar, testar seus limites e mudar constantemente para fugir do comum, a apreciação do banal fica esquecida. Ora, não se vive o tempo inteiro no limite, mas é frequente achar que são apenas esses momentos extremos que importam. É comum esquecer, não notar ou não se importar, que entre um grande evento e outro também existe uma vivência. Entre um destino e outro existe o percurso. E este percurso tem sua beleza e pode ser apreciado.

Manoel de Barros explorou por toda a sua vida o charme da simplicidade, sempre exaltando situações e objetos que para outros seriam por demais ordinários para serem retratados poeticamente, mas como ele mesmo diz, em *Matéria de Poesia*, Fragmento 1:

*“As coisas que não levam a nada
têm grande importância*

Cada coisa ordinária é um elemento de estima

*Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral” (14-19)*

A intenção deste projeto é, portanto, incentivar a visão poética, a apreciação do simples e a exploração do pensamento. É possível se inspirar na vivência comum para desenvolver boas ideias e é possível ser surpreendido mesmo dentro de uma rotina.

Esse tipo de abordagem poética não é incomum nem mesmo recente na esfera literária, porém projetos que tenham esse tipo de conteúdo aliado a uma preocupação estética, tanto textual quanto imagética, não são habituais. Não se pretende propor, neste projeto, sua viabilidade comercial, mas a importância que projetos experimentais e poéticos tem no encorajamento a livre exploração.

2. Ponto de partida

Difícil precisar quando o olhar poético sobre o cotidiano começou em minha vida. Não tenho muitas lembranças da minha infância, mas na adolescência foi comum fazer poemas desajeitados sobre os passarinhos voando ou o calor do sol na pele. Naquela época eu tinha entendimento do momento sensível da adolescência, quando tudo parece certamente mais cheio de significado e drama do que deveria. Não me envergonho dessas tentativas artísticas, apesar de reconhecer minha ingenuidade, teimosia e pobreza textual. Tantos anos depois, passei a me orgulhar dessa sensibilidade que nunca me abandonou, e que agora se torna mais complexa a cada novo aprendizado sobre estética, cultura e sociedade.

Gosto de pensar que este projeto começou no primeiro semestre de 2015, enquanto frequentava uma aula de produção manual de livros durante o intercâmbio, em um momento que ainda imaginava que meu projeto de conclusão seria um livro infantil. Nesta matéria a professora, a artista Alisa Golden, incentivava constantemente os alunos a produzir livros sobre os mais diversos motivos. Um sonho, um trecho de música, um encontro inesperado, tudo poderia se tornar uma mensagem interessante de ser passada a alguém, se reproduzida de forma adequada. No caso desta matéria, o meio no qual a mensagem seria transmitida deveria ser um livro.

De acordo com o Dicionário Sacconi, um livro é uma “série de folhas de papel em branco, escritas ou impressas, encadernadas, envoltas geralmente numa capa protetora e raramente por uma sobrecapa”, porém é de conhecimento popular que um livro não precisa ser de papel, pode ter apenas ilustrações, não ser encadernado, muito menos físico e ainda assim ser um livro, e foi isso que Alisa me ensinou. Eu poderia transformar quase tudo em um livro. No design os termos são mais técnicos, uma publicação de quatro páginas, por exemplo, seria um folheto, não um livro. Mas como aqui estamos tratando do aspecto artístico, vou usar a definição de Alisa de que tudo, de qualquer formato, material, apresentação, organização, desde que contenha uma mensagem e não seja periódico, é um livro. Foi então que comecei a colecionar e produzir livros com a significação do conjunto em mente.

Livros que transmitem também fisicamente sua mensagem são os que mais me atraem, e juntar esse aspecto com a contemplação de situações comuns foi algo natural. A partir da definição do rumo do projeto, houve muita pesquisa e criação de conteúdo.

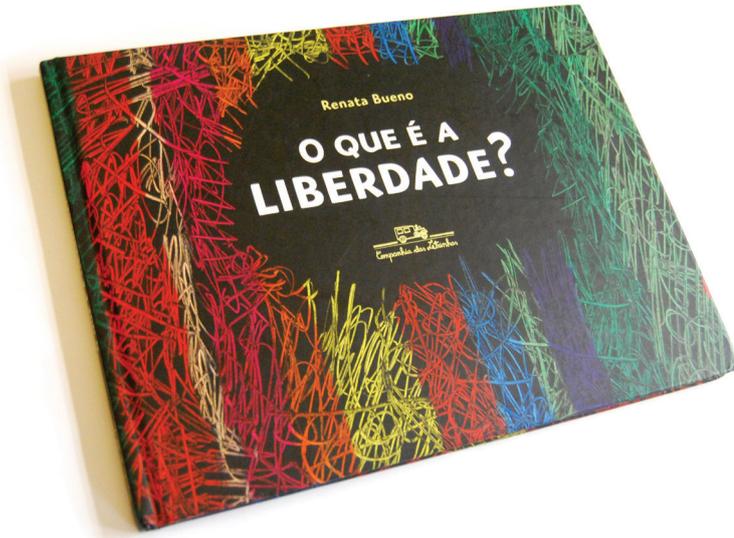
Para o desenvolvimento do projeto não segui uma metodologia pré-definida. A pesquisa se deu em todo processo e em alguns momentos abandonei toda a produção e recomecei praticamente do zero. De fato o único momento distinguível no projeto é a definição do conceito, todo o restante foi um emaranhado de pesquisa, criação e finalização.

Embora pareça um método, ou a falta dele, um tanto relaxado, posso assegurar que o caminhar do projeto foi fruto de uma decisão racional. Apesar de ter mencionado previamente que o interesse pela temática deste projeto não é totalmente nova para mim, a sensação ao vislumbrar o que este projeto seria foi a de entrar em águas inexploradas. Um projeto desta dimensão e profundidade foi um grande desafio e percebi que eu não estaria satisfeita a menos que tentasse e testasse todas as possibilidades e caminhos. Decidi não impor limites criativos, a não ser o limite do próprio conceito.

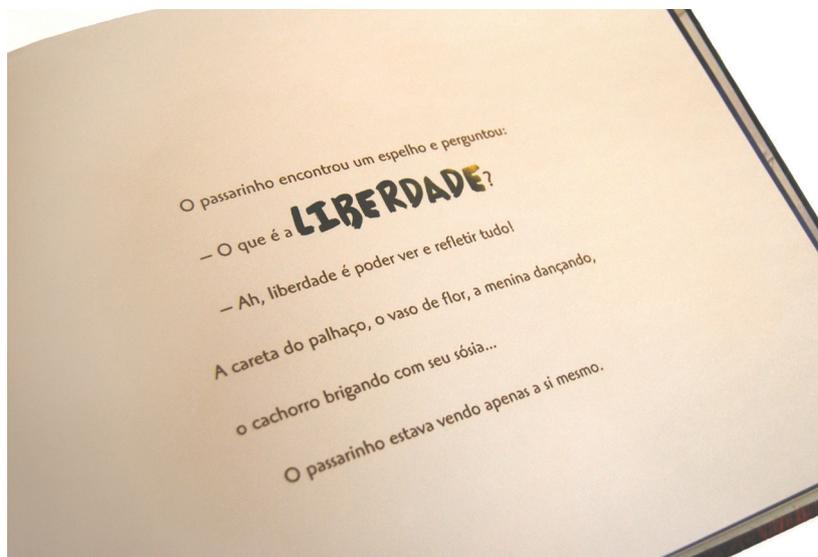
3.Referencial Teórico

Os livros listados abaixo foram os pilares que inspiraram e sustentaram o projeto durante sua conceituação e construção

3.1 O que é a Liberdade?, Renata Bueno



Este livro ilustrado aborda a difícil definição de liberdade, como um conceito subjetivo e singular. Para tanto, a autora nos convida a acompanhar um passarinho em busca de descobrir o que é a liberdade, perguntando a objetos e seres aparentemente aleatórios o que seria liberdade para eles. As respostas são as mais variadas, às vezes de uma profundidade surpreendente, às vezes de uma inocência cativante, mas de caráter poético, como não deixaria de ser um livro com tal tema. Todas as respostas são acompanhadas de páginas duplas ilustradas pelas mais diversas técnicas, desde colagens a pinturas. O livro é uma obra comvente, que leva o leitor a uma reflexão inesperada. Foi minha inspiração primária para este projeto por associar reflexão poética e simplicidade.



Trecho do livro que se destaca em complexidade e sensibilidade.

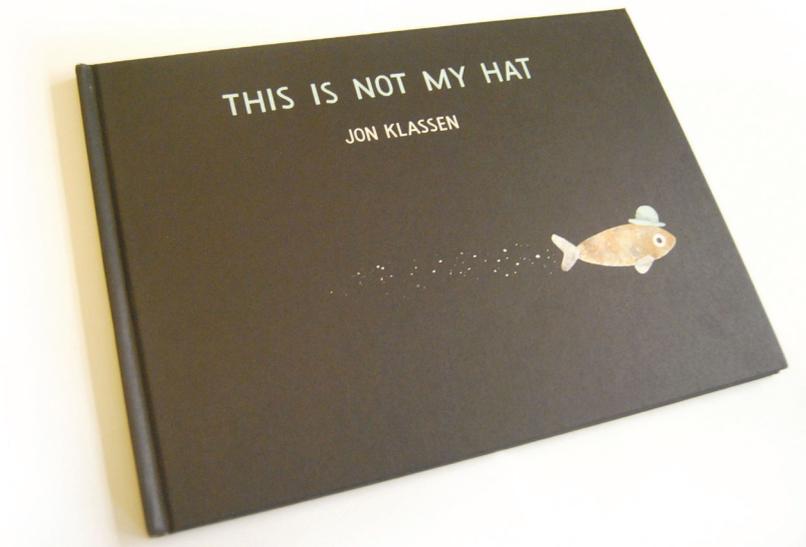


Página dupla ilustrada que segue o trecho no qual o passarinho encontra o espelho.

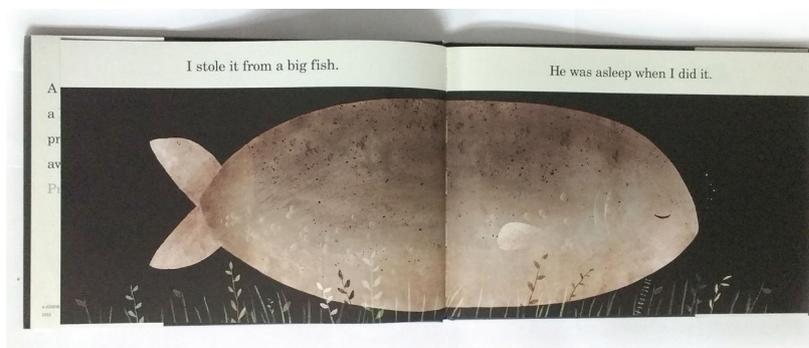


Trecho final do livro, no qual o conceito de liberdade é apresentado mais uma vez de forma muito delicada.

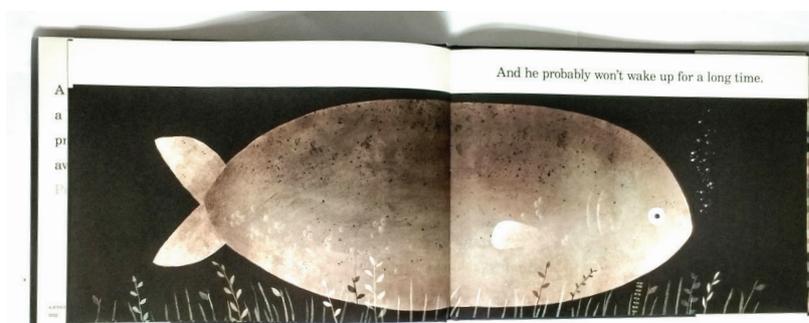
3.2 *This is not my hat*, Jon Klassen



Livro ilustrado infantil, ganhador da medalha *The Caldecott*¹, o livro conta a história de um peixinho que rouba o chapéu de um peixe bem maior. O texto é narrado pelo peixinho, que descreve seu roubo e seus planos de fuga. No entanto, o texto e as imagens discordam, pois tudo o que o peixinho afirma, como “*He was asleep when I did it. And he probably won’t wake up for a long time.*” (Ele estava dormindo quando roubei. E ele provavelmente não acordará por um bom tempo.) é contestado pela imagem como, no caso, do peixe grande acordando. Este tipo de discordância entre texto e imagem traz dinâmica e humor à leitura, tornando-a muito mais intrigante e envolvente.



“Eu roubei (o chapéu) de um peixe grande. Ele estava dormindo quando eu fiz.”

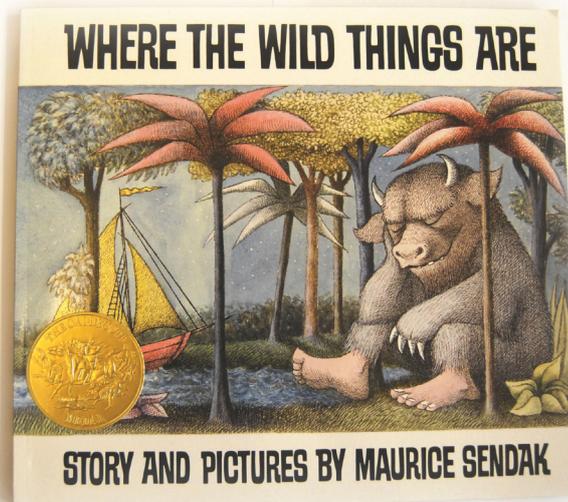


“E ele provavelmente não acordará por um bom tempo”

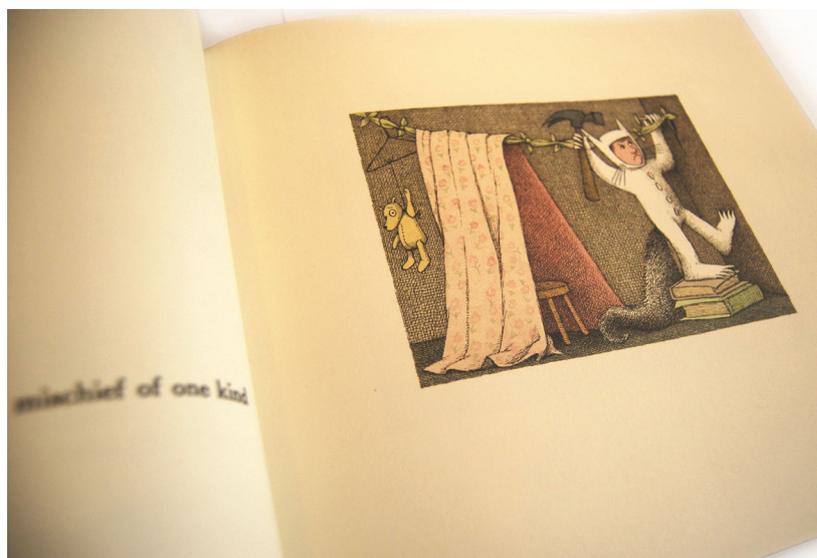
1

1 A Medalha Caldecott (*Caldecott Medal* em inglês) é concedida anualmente pela *Association for Library Service to Children*, uma divisão da *American Library Association*, ao ilustrador do mais destacado livro ilustrado estadunidense para crianças publicado naquele ano.

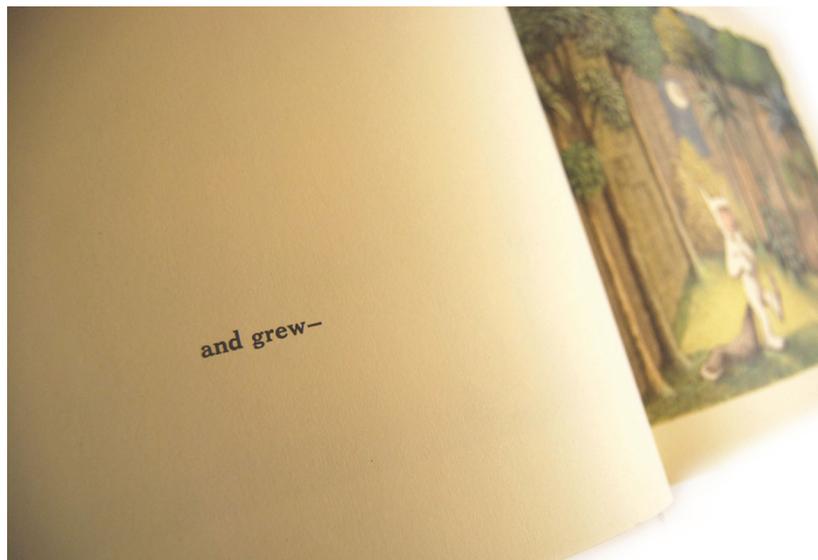
3.3 *Where the wild things are*, Maurice Sendak



Livro ilustrado infantil, ganhador da medalha *The Caldecott*, este livro conta a história de Max, um menino imaginativo e travesso, que imagina que seu quarto se transforma em um mundo encantado, cheio de aventuras e criaturas incríveis. Na história, Max pega um barco rumo a uma ilha desconhecida, onde vivem monstros que o elegem seu rei. Max se diverte e delicia-se sendo o rei e comandando tudo ao seu redor, até passar o ápice da sua aventura e começar a sentir saudades de casa. Ele então retorna ao seu quarto, onde a sopa que sua mãe havia deixado continuava quente, sugerindo que o tempo não havia passado. O uso do texto em toda narrativa é muito perspicaz, ditando o ritmo da história com quebras improváveis de sentenças, mas o que mais me chamou atenção é a forma como as imagens também conduzem o leitor. As ilustrações aumentam de tamanho, ocupam mais espaço na página conforme a história evolui, chegando ao ápice da história com três páginas duplas, e logo após diminuindo ao mostrar Max retornando de sua fantasia para o mundo real, acabando em uma página em branco, com apenas texto. Todos os recursos visuais deste livro são muito sensíveis e trazem algo poético para a obra como um todo.



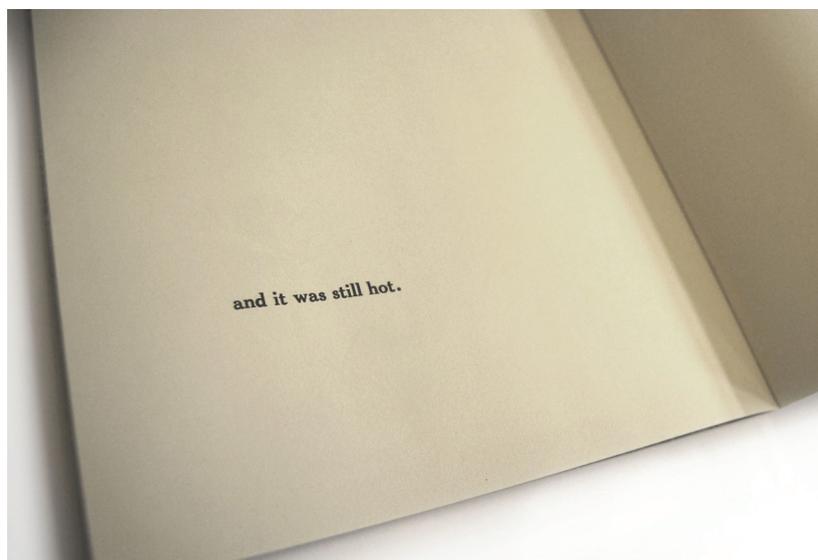
Primeiras páginas do livro onde é apresentado o personagem principal e sua personalidade travessa.



Interessante quebra de texto.

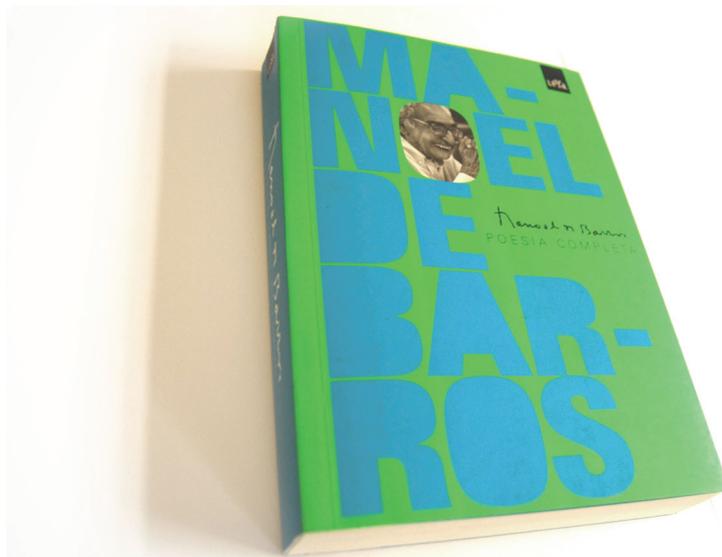


Página dupla totalmente ilustrada que ilustra o ápice da história.

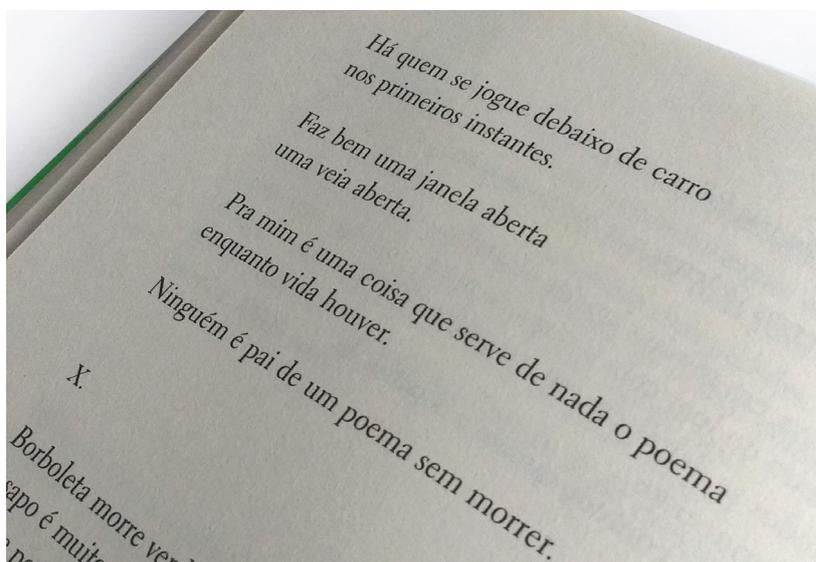


Final do livro, sem ilustrações, com apenas um fragmento de texto “e ainda estava quente (a sopa).”

3.4 Manoel de Barros – Poesia completa, Manoel de Barros

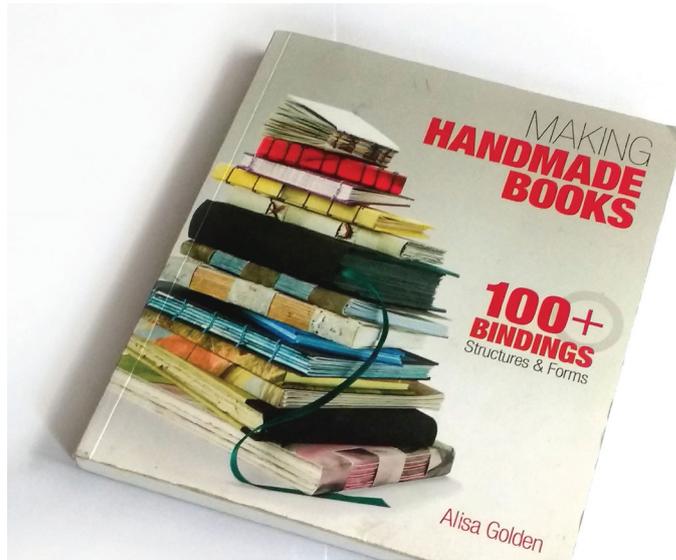


Manoel de Barros escrevia de uma forma fluida, expressando com singularidade a simplicidade da vida e seus pensamentos. São temas muitas vezes inesperados, a poesia encontrada na mais ordinária das coisas. É por essa representação do comum, com abordagem subjetiva e reflexiva que Manoel de Barros ocupa o posto de maior inspiração da poética textual para este projeto.



Trecho IX
do poema
Arranjos para
Assobio.

3.5 Making handmade books – 100+ bindings, structures & forms, Alisa Golden



Sobre técnicas de encadernação, este livro reúne grande quantidade de estruturas cheias de personalidade, algo que aprendi a admirar ao fazer uma disciplina com a autora do próprio, Alisa. A forma como os livros se apresentam, material, formato, estrutura das páginas, costura ou colagem ou dobra e como esses elementos influenciam no modo como o conteúdo será compreendido pelo leitor. As características físicas, táteis, tornam a experiência mais pessoal, e isso é o que pretendo com meu projeto, que o leitor se sinta fisicamente próximo dos livros aqui desenvolvidos.

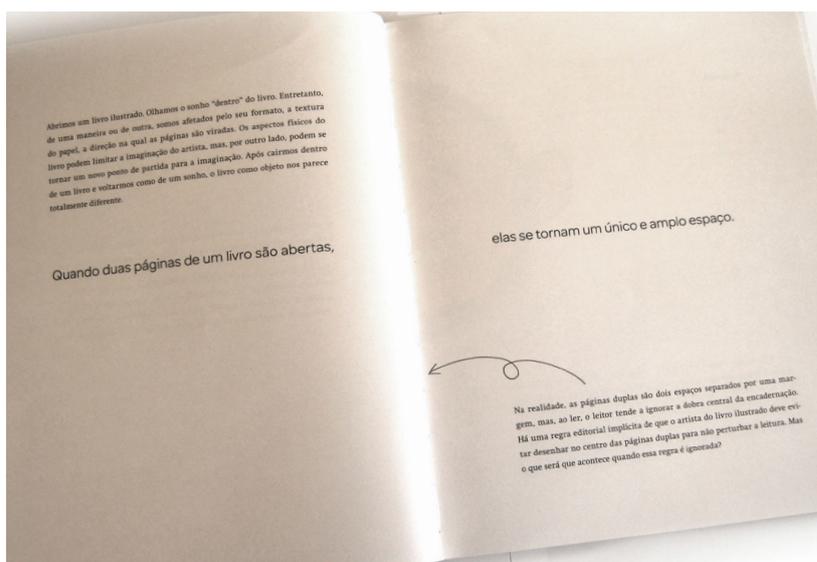


Trecho onde é ensinada a produção do livro sanfona-do circular, inspiração para a estrutura do Livro Dor.

3.6 A Trilogia da Margem – O livro-imagem, Suzy Lee



Neste livro Lee aborda o processo de criação de três livros infantis de sua autoria — Espelho, Onda e Sombra. Ela destaca a importância do uso da margem e seu aproveitamento como elemento da própria narrativa. Lee explora a fronteira do conteúdo com o físico, mostrando ser possível o uso significativo dos limites físicos de um livro. A autora também descreve a reação de seus leitores aos livros, trazendo interpretações sensíveis como a descrita na página 160, “Uma criança brasileira em um workshop certa vez me perguntou sobre Espelho: ‘Depois da metade do livro, por que a criança no espelho não faz as mesmas coisas que a outra?’ Antes que eu tivesse a chance de responder, outra criança respondeu a pergunta dela: ‘Porque as crianças não querem ser as mesmas todo santo dia!’” A relação do texto e imagens com o espaço físico do livro, a página e as margens, quando explorado, adiciona novos significados e possibilidades de interpretação.



Trecho em que a autora explicita o significado da margem central de um livro e suas possibilidades de uso.

4. Processo

O primeiro texto produzido ao embarcar neste projeto foi sobre um passarinho que tinha medo de voar, até conhecer uma pipa e aprender com ela a delícia de ganhar o céu. Como citado anteriormente, a primeira intenção para este projeto era ser um livro infantil com tom poético, assim como foi frisado que o livro que inspirou todo este projeto foi o “O que é a Liberdade”, então este primeiro texto é o reflexo do momento ainda inicial e imaturo, sem identidade. Apesar de gostar da história do passarinho e da pipa, a descartei por, mesmo pequena, ser muito grande. Desde o início eu tinha idealizado o projeto como a produção de pequenos livros, então o passarinho e a pipa, que representam uma experiência pessoal, já não cabiam. Mas, assim como o passarinho aprendeu com a pipa, eu aprendi com este texto onde eu poderia voar, o que me levou a outro rumo, o da visão mais literal, ainda que metafórica, do cotidiano.

4.1 Cotidiano

co.ti.di.a.no

adj+sm (lat quotidianu) 1 De todos os dias. 2 Que, ou aquilo que se faz ou sucede todos os dias. Var: quotidiano.

É extraordinário como tantas pessoas, de origens das mais diversas, façam as mesmas coisas todos os dias. Ações que nos conectam como sociedade, ações simples sem limitações sociais, com as exceções provando a regra, claro. Ações como acordar, ir para o trabalho, atravessar uma rua, se jogar no sofá, rotinas tão banais que não pensamos a respeito.



Andar na rua,



ir ao bar com os amigos,



limpar a casa,



cuidar dos
filhos,



acordar.
Ações rotineiras,
comuns
a milhões de
pessoas.

Este trabalho surgiu do embate com o cotidiano e suas infinitas possibilidades. Inicialmente foi pensada uma produção poética em que materialidade dos textos — formato, estrutura, caráter gráfico — fosse determinante. O que de início não se deu de forma satisfatória, pois o meu erro foi produzir textos para serem apenas textos, e eu queria livros.

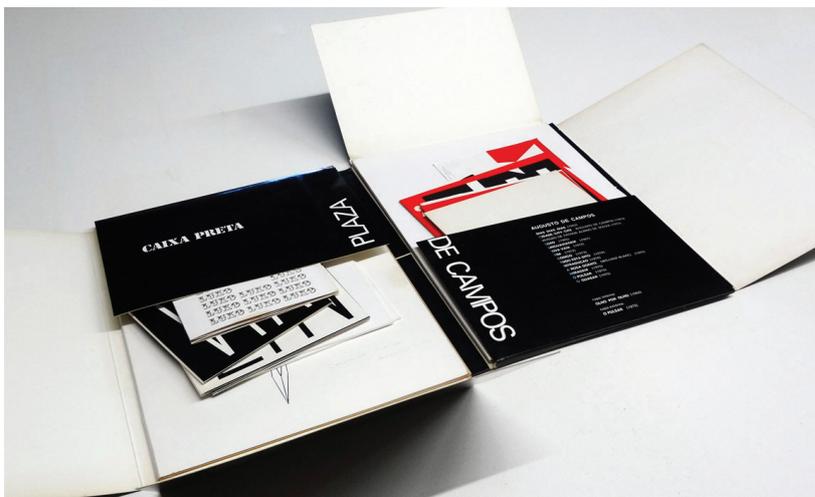
4.2 Livro Objeto

“O livro é um volume no espaço. Livro é uma sequência de espaços (planos) em que cada um é percebido como um momento diferente. O livro é, portanto, uma sequência de momentos.

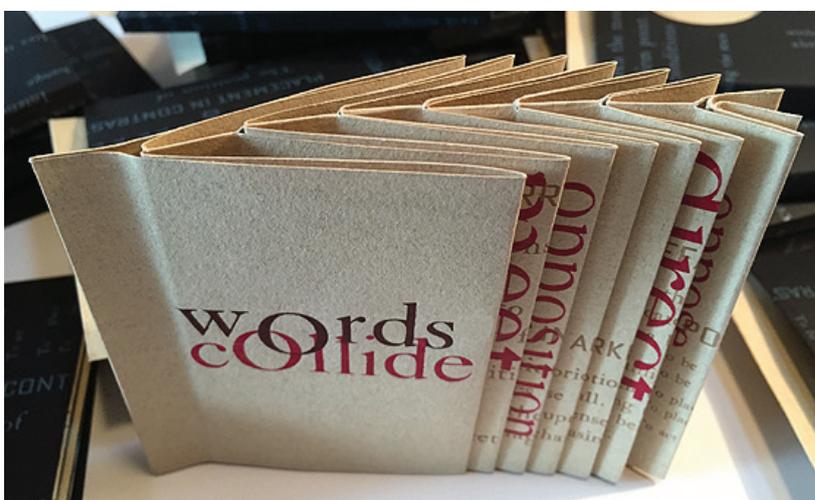
O livro é signo, é linguagem espaço-temporal. O texto verbal contido num livro ignora o fato de que o livro é uma estrutura autônoma espaço-temporal em sequência. Uma série de textos, poemas ou outros signos, distribuídos através do livro, seguindo uma ordem particular e sequencial, revela a natureza do livro como estrutura espaço-temporal. Esta disposição revela a sequência mas não a incorpora, não a assimila.”

Plaza, Julio. O livro como forma de arte (I). Arte em São Paulo, São Paulo, n.6, abr., 1982.

O livro objeto usa da sua estrutura para também transmitir uma mensagem. O livro deixa de ser apenas um suporte para o conteúdo, ele se torna o conteúdo, se torna fonte de interpretação também como objeto, o que amplia sua significação. Este tipo de abordagem me chamou a atenção desde o primeiro momento em que tive contato, por suas possibilidades infinitas, por seu potencial poético e pela proximidade que o livro objeto tem do leitor.



Livro Caixa Preta de Julio Plaza e Augusto de Campos, publicado em 1975. O livro contém diversos cartões e estruturas contendo poemas.



Livro Words Collide, de Alisa Golden, onde ela produz poemas com palavras retiradas do dicionário e as arranja de forma a fazer as palavras “colidirem”.

4.3 Experimentações

Neste momento vários caminhos foram percorridos, várias abordagens e processos, essenciais para a decisão final.



Experimentação feita com colagem a partir de imagens de revistas.

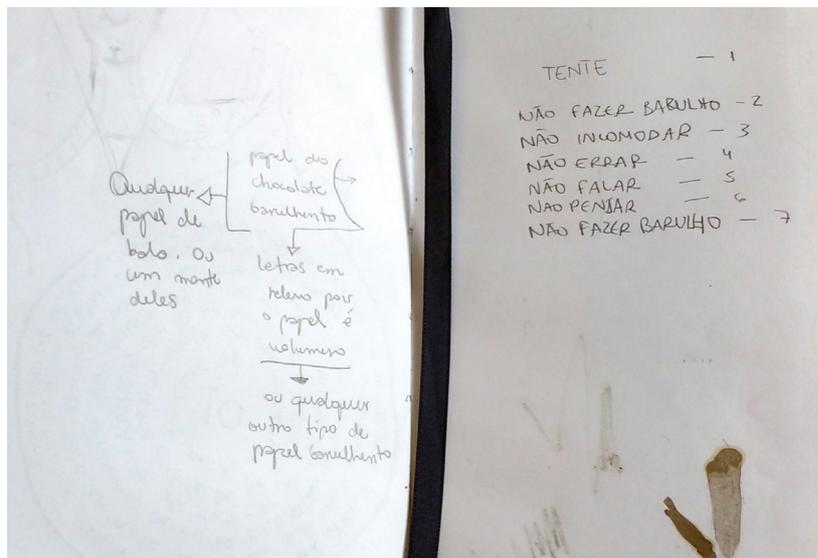
Explorou-se o lado mais objetivo do cotidiano, com colagens a partir de imagens de revistas, e anotações baseadas em observação de um ponto público. Tudo isso com a intenção de interferir e distorcer a realidade de um modo mais direto. Apesar da experimentação ter propiciado algumas discussões de interesse, descartou-se esta alternativa por sua inclinação cômica, quase de charge, quando a intenção do projeto é de uma reflexão delicada, quase lírica.

4.4 Diário

Se o objetivo do meu projeto era retratar o cotidiano, nada mais adequado que observar e criar um diário onde eu pudesse fazer um registro poético de minhas atividades e reflexões.



Imagens retiradas do diário produzido como ferramenta de criação.



Primeiros rascunhos de um dos livros finalizados.

Neste diário não existe limitação de linguagens e materiais. Colagens, ilustrações, pinturas, recortes, texto corrido, tudo é válido como processo criativo. E foi neste pequeno caderno preto que surgiram os livros detalhados a seguir.

5. Livro Dor

Um dia eu senti dor. Uma dor que me era conhecida, dessas visitas que chegam sem antes telefonar, entram na sua casa sem bater na porta, para você isso não é estranho, já se conhecem por tempo demais para tais formalidades. Essa dor já me fazia companhia há algumas horas quando a notei. Notei porque não tinha mais nada para notar. Procurei notar. Percebi então quão parte do todo aquela dor havia se tornado. E escrevi:

*A dor
ela vem,
vai,
e volta.
Assim como os dias,
assim como as noites,
o sorriso,
a beleza,
o sucesso,
a felicidade,
a dor também
é vida acontecendo.*

Mas a dor que eu tinha sentido era uma dor exclusiva, dor de quem tem útero genioso. Eu precisava demonstrar uma dor universal, a dor que se estende além de sexo, gênero, idade, classe social, etnia. A dor do papel pareceu uma boa opção. Ora, para não dizer que todos – afinal, que certeza posso ter? – digo que pessoas suficientes já se cortaram com papel para se identificar com essa dor, independentemente do idioma em que expressam seu descontentamento com tão minúsculo e dolorido corte. O papel é uma das mídias mais comuns deste planeta, há séculos. Gerações demais já sofreram com o corte de papel, sua dor já está no DNA humano, é o processo evolutivo.

A dor sentimental ou uma dor muito forte provocam reflexões por serem eventos especiais e intensos. Mas e a dor pequena, passageira? As pessoas se cortam e sentem dor por meio segundo, com margem de erro a escolha da vítima, e depois o cérebro ignora. O temporário desconforto é logo esquecido porque não vale a pena se importar com algo tão pequeno. O que isso te diz sobre a vida?



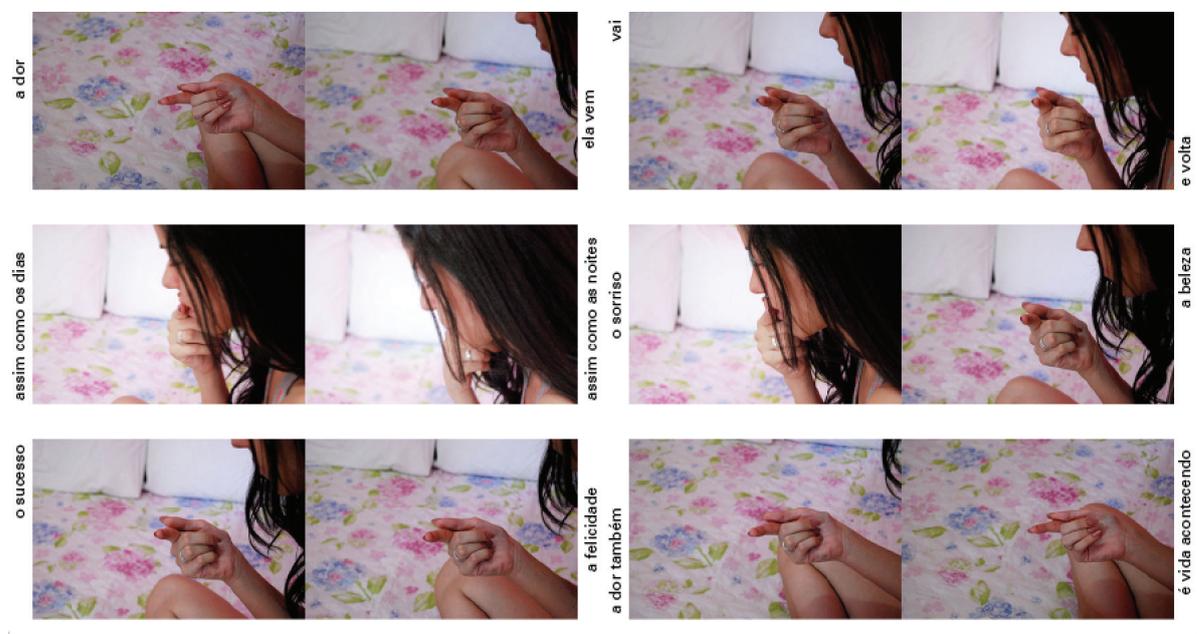
Livro aberto como estrutura, tem a forma de uma estrela de 6 pontas.

O livro foi inicialmente planejado como um livro sanfonado, porém foi adaptado para ser circular, de modo que não tenha capa e possa ser lido a partir de qualquer página, e é estruturado, podendo ser visto como objeto. O texto está inserido na dobra das páginas, na vertical, sugerindo outra camada de leitura, pois o pensamento não está no mesmo plano do acontecimento, apesar de coexistirem no mesmo momento.



Detalhe do livro em modo mais adequado a leitura.

As fotos são de autoria própria e foram tiradas de modo a parecer uma situação natural, quase um flagrante, por isso o enquadramento nem sempre segue as regras de uma boa fotografia.



Sequência completa (da esquerda para direita) das páginas do livro.

A fonte utilizada é Univers, por sua universalidade e boa legibilidade quando reduzida. A impressão foi feita por impressora jato de tinta em papel vegetal gramatura 180g/m².

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz `1234567890=[\;',./
~!@#\$%^&*()_+{|:"<>?

Fonte
Univers, no
peso Roman.



Detalhe do texto com a fonte Univers



Detalhe da dobra adaptada que permite o livro ser fechado em qualquer página



Momento do livro onde as imagens se repetem, promovendo a ciclicidade da leitura



As duas linhas de leitura, o texto e a imagem, evidenciados.

6. Livro Barulho

Este livro propõe a reflexão a respeito do momento em que se abre uma embalagem barulhenta, geralmente encontradas em produtos como lanches rápidos ou guloseimas. O silêncio é incômodo. Incômodo porque é quase físico, é só observar os termos usados quando ele acaba: quebrado, rompido. O barulho chama a atenção, distrai, incomoda também, mas precisa ser feito. O barulho é o meio para o fim, mesmo que o fim seja o silêncio, e tudo se repete.

A ansiedade de não errar, de não incomodar, conecta o desconforto do barulho com o consumo exacerbado que proporciona uma falsa calmaria. Isso pode ser usado como metáfora para atitudes, opiniões. O que você já deixou de fazer para não incomodar, o que já deixou de dizer? Por que o barulho incomoda tanto? O que não se quer que as pessoas escutem? São só alguns dos questionamentos que vão ficando cada vez mais profundos e existenciais a medida que percebe-se que essas questões ultrapassam o motivo fútil de apenas abrir uma embalagem. E se o barulho da embalagem fosse sua voz?

Tente
Não fazer barulho

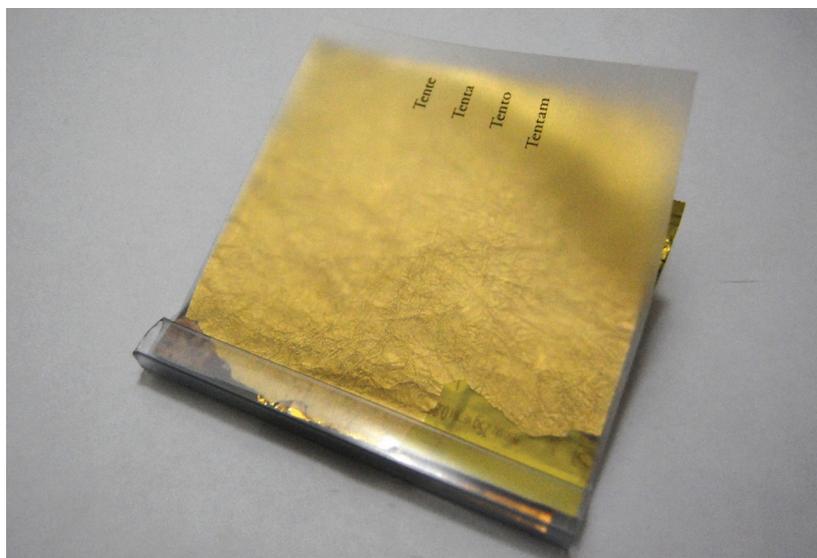
Tenta
Não errar

Tento
Não falar

Tentam
Não pensar

Não fazer barulho

O texto foi representado da maneira acima, com o desencontro das sentenças, para representar a intenção de dupla interpretação. O texto que conjuga o verbo **tentar** é apresentado logo na primeira página, de modo a induzir o leitor a julgar o livro como uma reflexão sobre a tentação. A segunda parte, que trata da reflexão sobre o que deve-se tentar não fazer para não incomodar é apresentada apenas na última página do livro, completando o pensamento crítico sobre atitudes contidas por medo da reação de outras pessoas.



Início do livro, onde percebe-se a primeira parte do texto.

O miolo do livro consiste em um compilado de embalagens de guloseimas que proporcionam experiências sensoriais através do tato e principalmente do som. As embalagens foram escolhidas propositalmente por sua textura, cor ou mensagem, buscando ampliar as possibilidades de interpretação. A cor dourada, ou tons próximos – como amarelo – foi estabelecida por ser uma cor que representa a ostentação, o ato de chamar a atenção, o que adiciona significado visual ao livro. As mensagens, sejam elas slogans ou marcas, presentes em algumas embalagens também adicionam conteúdo textual, mesmo que de uma forma secundária – que não conversa com o texto principal.

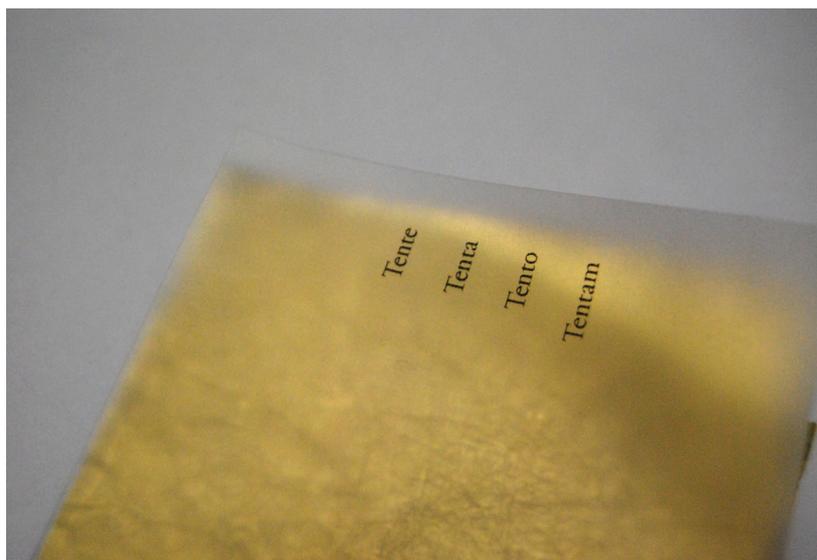


Embalagens utilizadas no miolo do livro.

A fonte escolhida para o texto é a Garamond, por ser uma fonte neutra, discreta, que “fala baixo” para não interferir na presença das embalagens e seus barulhos. As páginas inicial e final são em papel vegetal 60g/m², intencionalmente discreto, quase invisível, para, junto com a fonte, não tirar a atenção da forte personalidade sensorial do interior do livro.

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 uvwxyz abcdefghijklmnopq
 rstuvwxyz `1234567890=[\];',./-!@
 #\$\$%^&*()_+{}|:”<>?

Fonte Adobe Garamond pro, no peso Regular



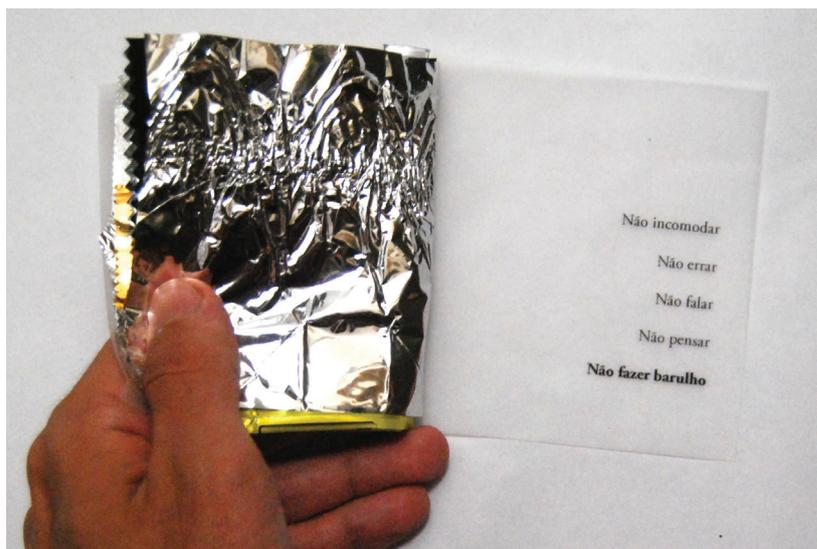
Detalhe do texto na fonte Garamond.



Primeira embalagem não contém mensagens para não anunciar o conteúdo inesperado, as embalagens, antes do leitor abrir o livro.



A embalagens estão arranjadas de forma desigual, algumas mais abaixo, outras no centro, e muitas contém rasgos, o que potencializa a sensação de incômodo, de desordem.



Detalhe da segunda parte do texto, onde a intenção crítica primária é compreendida.



Verso do livro no qual consegue-se observar também o verso da embalagem final, liso e sem mensagens como a embalagem inicial.

7. Livro Carta

As cartas chegam, acumulam. Conta de telefone, cartão de crédito, internet, empréstimo. Recibo de hospital, mercado, material de construção, padaria. Mais um envelope, mais uma multa. Esses pedaços de papel ditam nossas vidas, entram nas nossas casas, nas nossas preocupações, mas não poderiam ser mais impessoais. Tons de cinza, coloridos, fotos, ilustrações, assinaturas, letras impressas com boa legibilidade, ainda assim invisíveis. Pegou, leu, adeus. Isso se leu.

Para este livro não foi planejado um texto. A mensagem, no entanto, se traz quase sozinha, quase viva, como um retalho da própria vida. A minha, a sua? São migalhas de qualquer um. E que o próximo envelope traga uma letra difícil, a caneta, em linhas tortas, palavras familiares. Mas se não for, é vida também.



Livro depois de aberto, em forma de cartaz.

Este livro é composto de documentos reais, de diferentes fontes e pessoas, o que diversifica e torna sua representação mais abrangente. Seu invólucro é um envelope usado de correspondência bancária, impessoal, com uma marca de beijo, sugerindo uma relação íntima e evidenciando a intenção dúbia do conteúdo.



Detalhe do envelope.



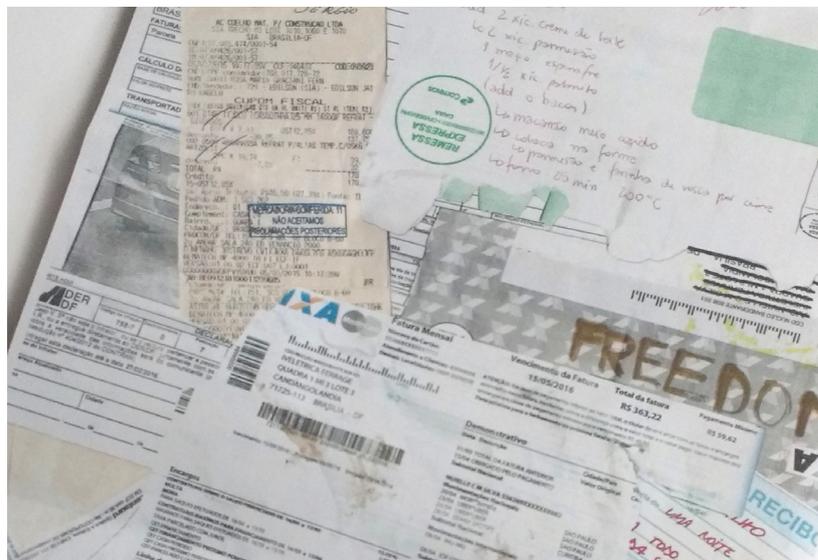
Documentos utilizados na colagem.



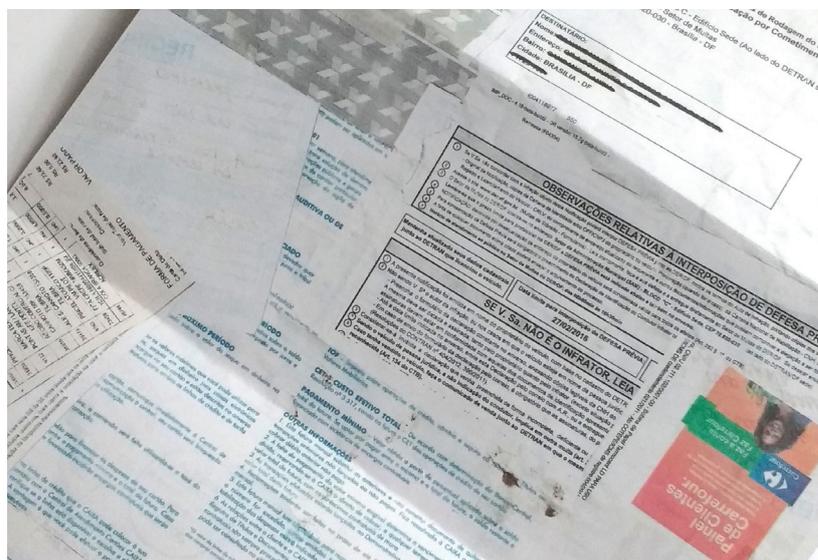
Verso dos documentos, usados no verso do cartaz.



A ação de tirar o cartaz de dentro do envelope também faz parte da experiência sensorial.



Detalhe da parte da frente do cartaz.

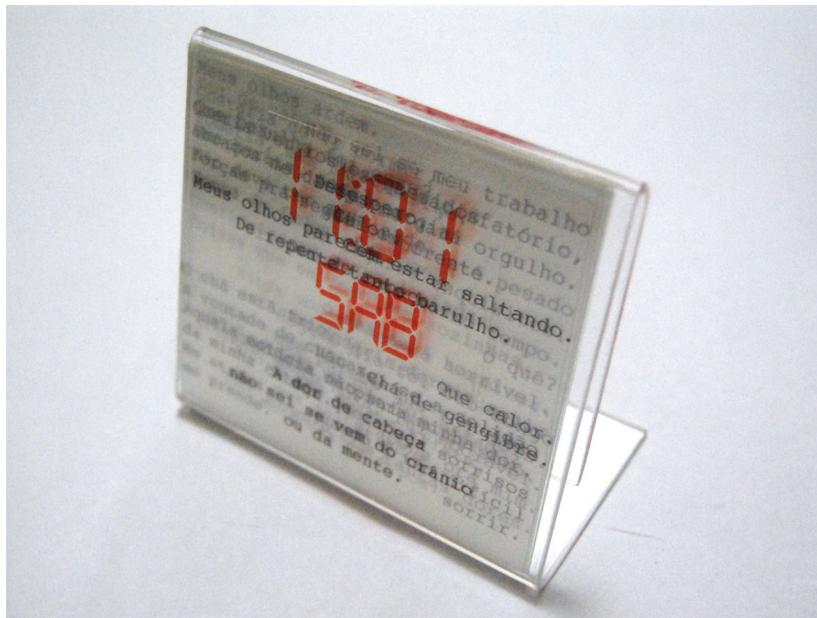


Detalhe da parte do verso do cartaz.

8. Livro Pensamentos

A ordem, a velocidade, o rumo dos pensamentos é algo que pessoas comuns normalmente não conseguem controlar. Existem, claro, os perseverantes, os iluminados, aqueles que tem tal compreensão do próprio corpo que conseguem até não pensar em nada. Mas e nós, a maioria, que tantas noites demorou a dormir com o barulho invisível da mente? Esse fenômeno é muitas vezes chamado de enxurrada de pensamentos e, na minha opinião, poucas vezes um termo foi tão acertado na sua metáfora, porque o pensamento é como um rio.

Um rio que segue um caminho desconhecido até você percorrê-lo, um rio que abriga tal riqueza em fauna e flora de conhecimento, experiências, memórias. Um rio que se enche e segue caudaloso em períodos de chuva intelectual, ou vazio e triste quando a seca chega. Um rio que segue sempre em frente, mesmo quando você quer navegar de volta. Então a enxurrada acontece. Imprevisível, ela traz com força total todo o conteúdo daquele rio, e um pouco mais. Arrasta as margens e suas dúvidas, raspa o fundo desenterrando suas lembranças, mistura todo tipo de sentimentos e transborda. Foge do curso, invade as ruas dos sentidos, afoga. Um segundo, um minuto, são tantas informações que mais parecem dias passados sendo carregado por aquela enxurrada. É um fenômeno incrível, intenso, e comum. Foi em um desses momentos que me peguei olhando o relógio, surpresa por só ter passado um minuto. É com essa inspiração que nasce este livro. A transparência das águas do rio não impede que a leitura fique turva. São muitas camadas, pensamentos desconexos, profundos, superficiais, todos no intervalo de um minuto.



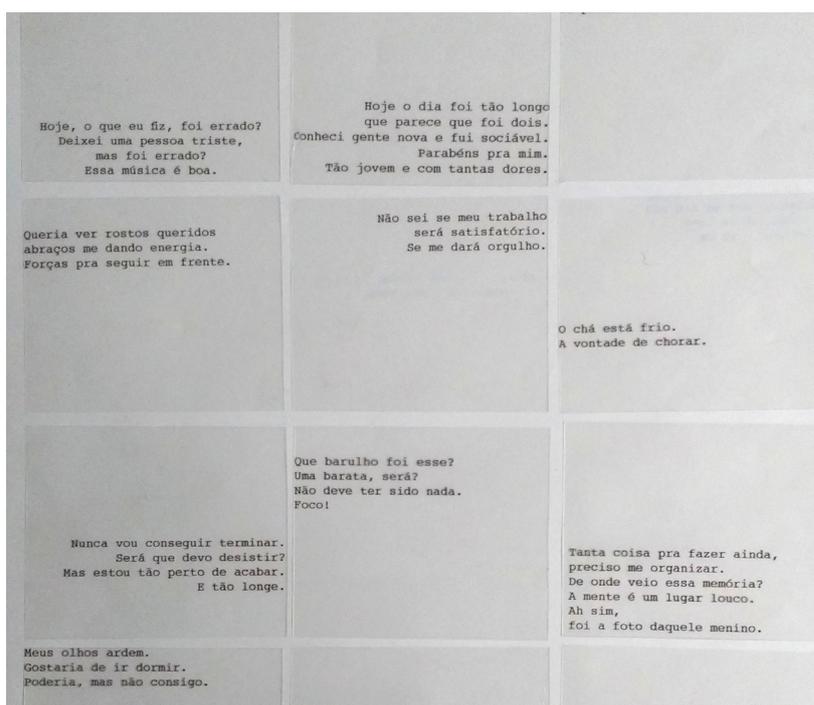
Livro Pensamentos em sua apresentação primária, como objeto. Os cartões podem ser retirados e lidos individualmente.

O texto do livro é tão imprevisível como pode-se imaginar de uma enxurrada de pensamentos. Ora fútil, raso, ora profundo e intenso, o texto abrange diversas linhas de raciocínio, o que possibilita, além de maior associação com o tema do livro, uma maior abrangência em termos de público, já que mesmo que o leitor não se identifique com o gosto por chá, é possível que se identifique com a dor de cabeça, exemplos de situações abordadas no texto, que se encontra a seguir.

Meus olhos ardem.
 Gostaria de ir dormir.
 Poderia, mas não consigo.
 Hoje, o que eu fiz, foi errado?
 Deixei uma pessoa triste,
 mas foi errado?
 Essa música é boa.
 Meu corpo está
 pesado em lugares esquisitos.
 Frio e calor ao mesmo tempo.
 O quê?
 O chá está horrível.
 Eu poderia dormir aqui.
 Ai.
 Espreguiçar é bom, mas dá
 sono.
 Preciso ficar alerta.
 Concentre-se.
 Essa música não.
 Essa mesa tá uma bagunça.
 Muito suja também.
 Preciso lembrar de limpá-la.
 E separar as roupas que
 não uso mais.
 Hoje o dia foi tão longo
 que parece que foi dois.
 Conheci gente nova e fui
 sociável.
 Parabéns pra mim.

Tão jovem e com tantas dores.
 Que barulho foi esse?
 Uma barata, será?
 Não deve ter sido nada.
 Foco!
 Um café iria bem agora.
 Mas faria muito barulho.
 O sofá parece tão convidativo.
 Essa música também não.
 Foco.
 Dor de cabeça.
 Combina com meu humor.
 Ou piora.
 Meus olhos parecem estar
 saltando.
 De repente tanto barulho.
 A letra dessa música interfere
 nos meus pensamentos.
 Conto de fadas. Carrocel.
 Tudo o que eu queria era um
 conto de fadas.
 Coisas que se resolvem
 sozinhas.
 Que calor.
 Chá de gengibre.
 Nunca vou conseguir terminar.
 Será que devo desistir?
 Mas estou tão perto de acabar.
 E tão longe.

Desespero.
 Calor.
 Chá.
 Dor de cabeça.
 Não sei se meu trabalho será
 satisfatório.
 Se me dará orgulho.
 O chá está frio.
 A vontade de chorar.
 A dor de cabeça não sei se
 vem do crânio
 ou da mente.
 Não sei se a solidão
 melhora ou piora minha dor.
 Não quero ver sorrisos
 quando é tão difícil
 sorrir.
 Queria ver rostos queridos
 abraços me dando
 energia.
 Forças pra seguir em frente.
 Aquela notícia não sai
 da minha cabeça.
 Me atrasa
 me prende.
 Essas lágrimas são pra quê
 pra quem, por quê?



Detalhe de alguns cartões. O texto foi posicionado de modo a distribuir a mancha gráfica para criar uma imagem interessante quando os cartões forem posicionados um sobre o outro.

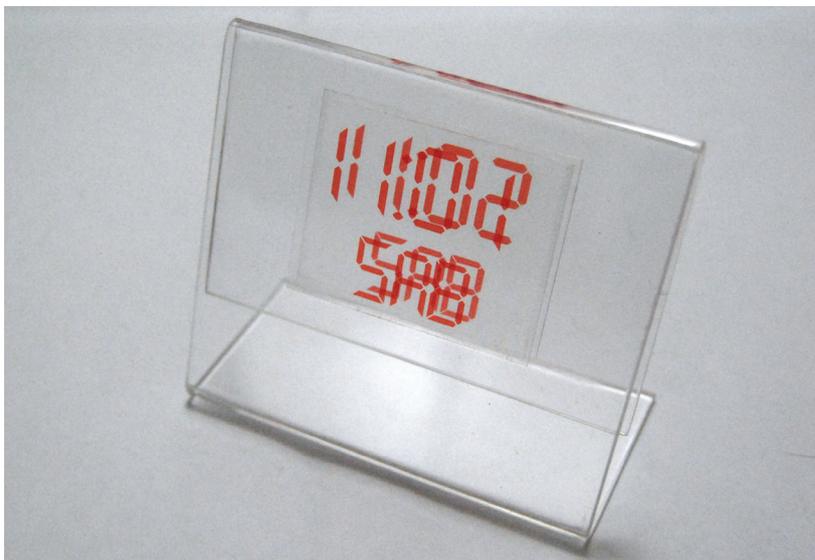
O livro consiste em 18 cartões de 7x8,5 cm. O texto está escrito na fonte Courier com corpo 11,5p. A Courier foi escolhida por se assemelhar ao texto produzido em uma máquina de escrever, que por ser uma ferramenta analógica, transmite mais personalidade. Impresso em transparência para impressora jato de tinta. O adesivo que simula o visor digital de um relógio usa a fonte Digital Display com modificações, impresso em papel adesivo transparente para impressora jato de tinta. Este livro apresenta-se em um display de acrílico de 7,5 x 9 cm.

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 XYZ abcdefghijklmnopqrst
 uvwxyz `1234567890=[]\;'
 ,./~!@#\$%^&* ()_+{ } | : " < > ?

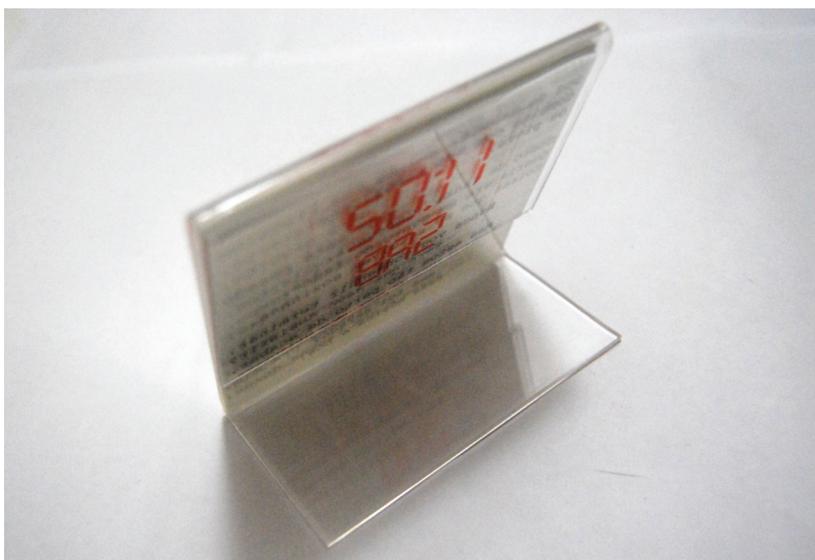
Fonte Courier no peso Regular

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
 `1234567890=[]\; ,./~!@#\$%^&* ()_+{ } | : < > ?

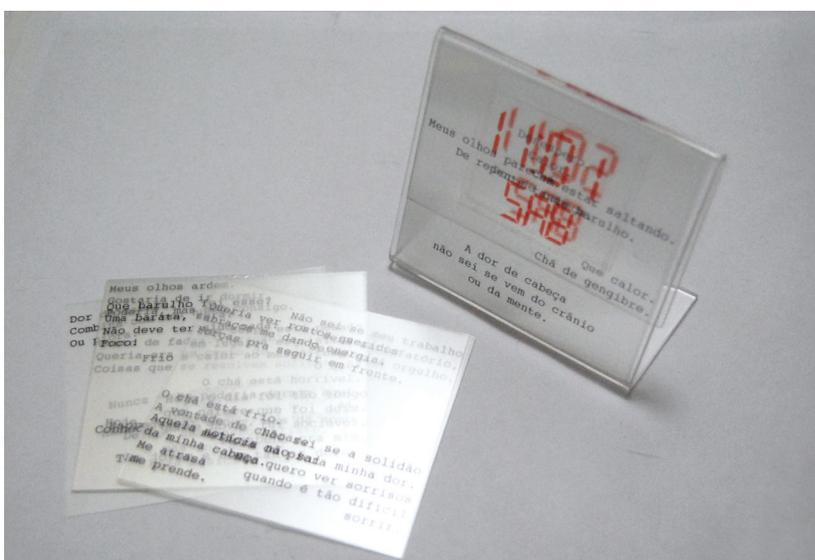
Fonte Digital Display, sem modificações.



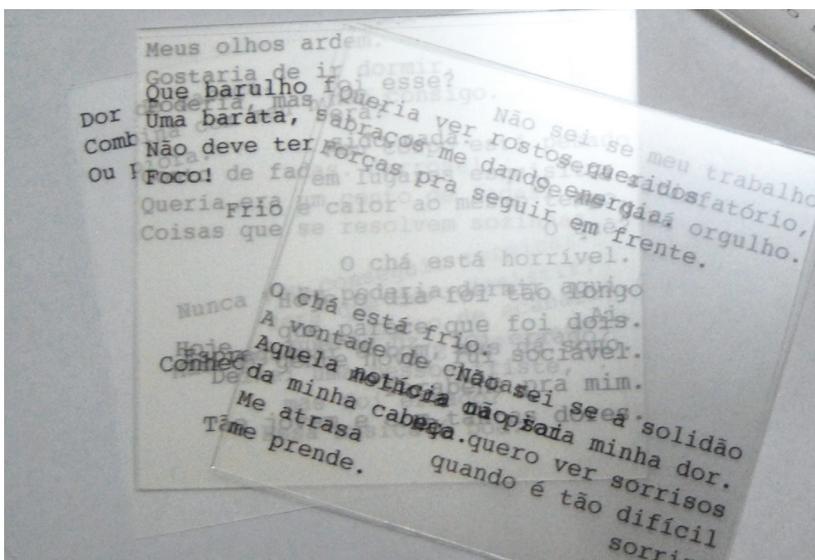
Display de acrílico sem os cartões, deixando visível a mudança do minuto fictício.



Detalhe da parte de trás do display.



O livro permite qualquer organização dos cartões.



Detalhe da transparência dos cartões.

9.Considerações finais

Refletir sobre situações banais não foi algo que quis apenas sugerir aos outros, foi algo que quis instalar na minha rotina. Esses pequenos momentos de análise, de disposição quase espiritual para compreender o contexto, são essenciais para uma existência plena, na minha concepção. Se tornar sensível ao mundo é um processo de constante renovação. É muito mais fácil ser imune, escorregar entre os detalhes da vida, capturando apenas o essencial para existir em um meio, mas quão rica será essa existência?

Este projeto me desenvolveu tanto quanto eu o desenvolvi. As experiências vividas para produzi-lo foram libertadoras para mim como ser observador e abriram meus sentidos para a poética da vida. A sensibilidade adquirida eu espero nunca mais perder e se fui capaz de aflorar o hábito da reflexão em mais alguém, posso concluir que todo o esforço para concluir esta análise e reflexão foi recompensado.

10.Referencial Bibliográfico

BUENO, Renata. **O que é a liberdade?** São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2015.

KLASSEN, Jon. **This is not my hat.** Massachusetts, Candlewick Press, 2012.

SENDAK, Maurice. **Where the wild things are.** Nova York, Harper Collins Publishers, 2013.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa - Manoel de Barros.** São Paulo, Leya, 2013

GOLDEN, Alisa. **Making Handmade Books - 100+ Bindings, Structures & Forms.** Nova York, Lark, 2010.

LEE, Suzy. **A trilogia da margem - O livro-imagem segundo Suzy Lee.** São Paulo, Cosac Naify, 2012.

PLAZA, Julio. **O livro como forma de arte (I).** Arte em São Paulo, São Paulo, 1982.